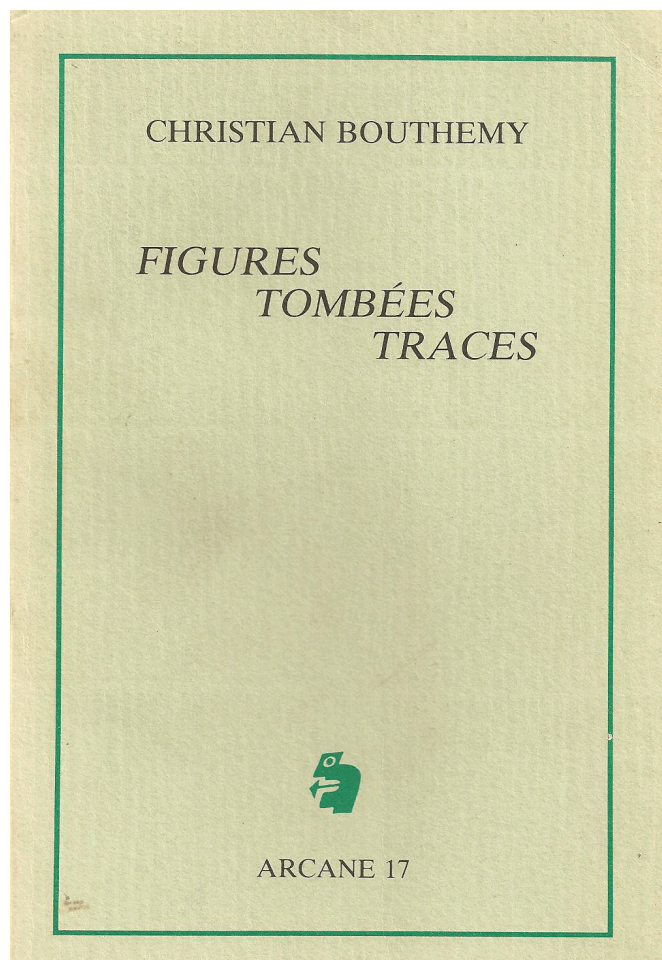


FIGURAS
POENTES
TRAÇOS

Christian Bouthemy



Cultura e Barbárie



Round About Bouthemy

Figuras poentes traços [*Figures tombées traces*. Cognac: Arcane 17, 1983], salvo engano, é o primeiro livro do poeta francês Christian Bouthemy (nascido em Saint-Nazaire em torno de 1960), inédito no Brasil, menos em Pernambuco, onde vive há dez anos. O **SOPRO** o publica aqui, na íntegra.

Poupá-los-ei de motivos e circunstâncias (maiores informações em <http://www.bazaramericano.com/columnas.php?cod=30&pdf=si>); trato apenas de apresentar os primeiros *poemas esmigalhados* de Bouthemy: são figuras mas igualmente tombos, quedas, baques, poentes (conforme as opções que fui buscando para *tombées*), assim como traços riscados na carne das elegantes damas-da-noite da Bretanha, onde nasceu.

Figuras. A explosão infra-leve da primeira e mais longa seção do livro: começa o périplo do viajante sem porto, cujas horas “são desagregadas, mas o ponto fixo” (advertência ao último livro publicado, *Contours du souterrain*. Obsidiane & Par delà les mythes éditeurs, 2008). Nos cinco versos do primeiro poema (sem título, como todos), o corpo do peregrino se movimenta na imobilidade do tempo e das coisas – *leitmotiv* do poeta em vinte ou trinta anos de pé na estrada.

Línguas de fora, migalhas de palavras, erotismo em claro-escuro, pedra-umbral no teatro das águas. Imagens refletidas na sonoite (o cedo da noite) que têm a finalidade explícita de não serem entendidas mas ouvidas. O escrever como desescrever, como não-saber. Haicais baqueados cheios de imagens raras, estranhas que gritam (como vagas, ou cegos): eu descobri, eu enumerei, eu desenhei, eu procuro.

Suas *figuras* sugerem naturezas mortas-vivas em busca do “gesto da chuva” que se dissolve lento, como o homem exaurido depois do auto-sacrifício: “O corpo divino será lavado / na água da cheia”. Tudo é sonho e entressonho, precisamente como nos “(Des)caminhos nordestinos”, no início dos *Contornos do subterrâneo*, cuja primeira epígrafe diz: “Não sou mais que um sonhador e não tenho mais que um desejo / dizer o que eu sonho” (Germain Nouveau); e a segunda epígrafe do livro-futuro, vale evocar também, posto que dá conta da vida das palavras, desde sempre espatifadas nessa poesia traçada a água e fogo: “As palavras morrem de esgotamento” (Robert Walser).

Obviamente os descaminhos bretões não são ainda os nordestinos, a lembrança do futuro se faz em função de uma coerência – talvez a única – entre poesia vivida e vida sonhada. Ao contrário dos últimos, mais narrativos, os primeiros poemas são na maioria diamantinos, breves, concisos ao extremo, contrastando na página branca noite e dia, o tempo e o espaço, a mobilidade e a imobilidade, em imagens surreais.

Figuras de reis negros e relógios mortos: tudo é perfeitamente intraduzível no reino em que “raramente é meia-noite”: “a cada dia / a noite veste / sua máscara de virgem”. O gato e o cisne esquivos redivivos. A água que penetra a dor. A estrela nascente que se imobiliza, à espera da hora em que “a página se ausenta”.

O mar, os frutos do mar, o vento e os frutos do vento: instantâneos das coisas da natureza, a voz dos grãos de areia (alimento para os livros que vão vindo).

Poentes, três poemas em prosa. O primeiro parece retomar (ainda uma vez) o futuro: a relação entre caminhar e escrever (sugerida por Alan Pauls e transcrita por Bouthemy em *Contornos do subterrâneo*). O apelo – como “uma falésia saliente” – do vazio. No segundo, a vaga inquieta sacode a imobilidade, no “voo rasgado de uma gaivota”, que “atravessa a infinita dor de um dia que se apazigua”: tombos, baques, sonoites, poentes. No terceiro, celebra-se a “aurora de uma memória abolida”. Não saber, sonhar, esquecer-lembrar, matutar-matar.

Traços. Da landa viemos, à landa voltaremos. Chove no deserto desolado da terra. O corpo, “ocre e doce”, é pura sensação. Corpo feminino, “ocre se escreve no oco dos rios”, onde se reflete sempre outra lua, sempre outro sonho. Pois – e com essa frase se fecha o livro – “não há realidade além dessa palavra” (Ribemont Dessaignes).

É o começo das viagens do poeta mundo afora. Outras viagens, vale dizer, outros livros virão. Cada vez mais viajeiros e deliciosamente intraduzíveis. A esse propósito (a propósito desta e das traduções por vir), limito-me a transcrever um poema de *Filage*, publicado por Bouthemy em 1994: “A tradução não passa da passagem do sagrado ao profano. Que se atente ao que esse termo anuncia”.

Jorge “Joca” Wolff

Christian Bouthemy

FIGURAS POENTES TRAÇOS

Tradução de Joca Wolff

“Sem dúvida é tarde demais
e meu retorno aos homens
se faz por um estranho desvio”

“Il est sans doute trop tard
et mon retour aux hommes
se fait par un étrange détour”

Kafka

FIGURAS
Figures

Vento d'oeste
nos estranhos silêncios

o peregrino
invoca a amante

A hora do relógio imóvel

Vent d'ouest
aux étranges silences

le pèlerin
invoque l'amante

L'heure de l'horloge immobile

Puro voo do corvo

o rei virgem
desvela
o corpo de sua dama

O sol das trevas
branqueia os ossos

Pur envol du corbeau

le roi vierge
dévoile
le corps de sa dame

Le soleil des ténèbres
blanchit les os

O sílex aterra o escuro

Na profunda armadilha negra do sono
o batimento do entressonho
nos sonhos em que
se abraçam os vestidos brancos

Le sílex épouvante l'obscurité

Au profond leurre noir du sommeil
le battement du songe
dans les rêves où
s'enlacent les robes blanches

Entre os muros da cidade
o homem corta sua perna

Como uma morte velada
apenas
uma serpente desperta

Parmi les murs de la cité
l'homme se coupe la jambe

Comme une mort voilée
à peine
un serpent s'éveille

De manhã
a pedra se sente

umbral

Le matin
la pierre s'éprouve

seuil

Reflexo de uma noite

O grito do cego

Reflet d'un soir

Le cri de l'aveugle

Descobri
um palácio ardente
as flamantes rosas
vêm nele branquear as asas

J'ai découvert
un palais brûlant
les flamants roses
viennent s'y blanchir les ailes

Eu enumerei
as sombras de
Benares

ó pálida clivagem
o fruto

J'ai dénombré
les ombres de
Benarès

ô pale clivage
le fruit

Eu desenhei
uma mulher no seu palco

sacro selvagem

sobre o deserto
some a lua

J'ai dessiné
une femme à son balcon

sacre sauvage

sur le désert
s'absente la lune

Para engendrar a onda
a cada noite a alga marinha

nua

Secreto espelho
quando o morto à cata de sangue

se pende

Pour enfanter l'onde
chaque soir l'algue marine

nue

Secret miroir
quand le mort en quête de sang

se pend

Eu procuro
uma lâmpada a óleo
para colher
o gesto da chuva

Je cherche
une lampe à huile
pour saisir
le geste de la pluie

Vaga lentamente acorda

grito de vaga
murmúrio de voo
fissura
manhã dilacerada

entre o silêncio e a água

Vague lentement s'éveille

cri de vague
murmure d'envol
brisure
matin écartelé

entre le silence et l'eau

O homem exaurido
se sacrifica

O corpo divino será lavado
na água da cheia

L'homme épuisé
se sacrifie

Le corps divin sera lavé
dans l'eau de la crue

No umbral do farol
o cadáver do relógio

Oferecendo o coração de sua dama
o rei negro levanta

Au seuil du phare
le cadavre de l'horloge

Offrant le cœur de sa dame
le roi noir se lève

Na bolsa molhada
repousava a seiva de uma

rainha e seu
preguiçoso lábio

Dans le lac à main
reposait la sève d'une

reine et sa
paresseuse lèvre

A cada dia
a noite veste
sua máscara de virgem

A luz bate
no ângulo do lugar
comum

Raramente é meia-noite

Chaque jour
la nuit revêt
son masque de vierge

La lumière frappe
l'angle du lieu
commun

Il est rarement minuit

Minha única nudez
o sopro onde se forja
a pele branca
do tempo

Mon unique nudité
le souffle où se forge
la peau blanche
du temps

Guardião das sonoites
um gato atravessa
o além invisível do granito

Seca pele tendida sob a onda
deriva a sombra do passante

Gardien des soirs
un chat traverse
l'au-delà invisible du granit

Sèche peau tendue sous l'onde
dérive l'ombre du passant

Estação do cisne

tua boca na hora dita
corpo do sonho

Séjour du cygne

ta bouche à l'heure dite
corps du rêve

A água
penetra a dor

Perto do leito
a marcha da escada

L'eau
pénètre la douleur

Près du lit
la marche de l'escalier

Nua
entre as estrelas
a noite branca
no passo do vento

Nue
parmi les étoiles
la nuit blanche
au pas du vent

A estrela nascente

já se imobiliza
o invisível gesto
de um segredo

L'étoile naissante

s'immobilise déjà
l'invisible geste
d'un secret

Pena
sobre a arena a vaga

Esperar a hora
em que a página se ausenta.

À peine
sur la grève la vague

Attendre l'heure
où la page s'absente.

POENTES
Tombées

Uma falésia saliente como o chamado
do vazio. A lua levanta velha
mulher ao longo das areias furtivas
devorando negro sílex a amarga solidão
do lugar. Landa já tardia a sombra
na meia-noite do corpo naufragado da
chuva vela a efêmera nudez. Na
senda sulcada pela bênção do dia
o homem só caminha em silêncio. O
silêncio da pedra aquecida pelo branco
do inverno.

Une falaise saillante comme l'appel
du vide. La lune se lève vieille
femme le long des grèves furtives
dévorent noir silex l'amère solitude
du lieu. Lande tardive déjà l'ombre
de minuit du corps naufragé de la
pluie voile l'éphémère nudité. Sur le
sentier raviné par la béance du jour
l'homme seul marche en silence. Le
silence de la pierre chauffée à blanc
par l'hiver.

Imóvel como a vaga inquieta,
o voo rasgado de uma gaivota atravessa
a infinita dor de um dia que
se apazigua. Eu repouso sob a pedra onde
a espuma febril do tempo
lentamente se enterra.

Immobile comme la vague inquiète
le vol brisé d'une mouette traverse
l'infinie douleur d'un jour qui
s'apaise. Je repose sous la pierre où
l'écume fiévreuse du temps
lentement se terre.

As mãos rachadas pelo olvido
se crispam na aurora de uma
memória abolida.

Les mains gercées par l'oubli
se crispent sur l'aube d'une
mémoire abolie.

TRAÇOS
Traces

A landa nessa tarde está deserta

quando se entreabre
o olho da terra
aguça o canto do
olhar

às vezes é tarde demais para morrer

A landa está deserta
nessa tarde chove

La lande ce soir est déserte

quand s'entrouve
l'oeil de la terre
s'aiguise l'angle du
regard

il est parfois trop tard pour mourir

La lande est déserte
ce soir il pleut

Teu corpo ocre e doce
no seu nebuloso torpor
se acalma lenta chuva
como o arco de um corpo

E sua imagem passada
móvel pegada em que se depura
o absoluto sabor de teu sangue

Teu corpo
rosto no oco das pegadas esquecidas
se estende sob a neve
ocre e doce em seu lento suor

Ocre exclama
teu corpo feminino
como um verão no oco
dos rios sem rostos

Como um verão sem idade
ocre se escreve no oco dos rios
reflexo apurado da tua imagem

Ton corps ocre et doux
en sa neigieuse torpeur
s'apaise lente pluie
comme l'arc d'un corps

Et son image passée
mouvante ornière où s'épure
l'absolue saveur de ton sang

Ton corps
visage en creux des ornières oubliées
s'étend sous la neige
ocre et douce en sa lente sueur

Ocre s'écrie
ton corps féminin
comme un été au creux
des rivières sans visages

Comme un été sans âge
ocre s'écrit aux creux des rivières
reflet apuré de ton image

Na penumbra um anel liso e frio
se enrola em torno desse olho turvo secretamente
jorrado mordida vã na escama da noite.

A lua foge do escuro calor do bosque
num passo lento que retém o cheiro de
cada erva amassada

Uma bolha d'água desliza, silenciosa,
levando sem esforço

o distante reflexo do sonho

Dans la pénombre un anneau lisse et froid
s'enroule autour de cet oeil torve secrètement
jailli morsure vaine sur l'écaille de la nuit.

La lune fuit l'obscur chaleur du bois
en un pas lent qui retient l'odeur de
chaque herbe foulée

Une bulle d'eau glisse, silencieuse,
emportant sans effort

le lointain reflet du songe

“Não há pois realidade além dessa palavra”

“Il n’y a donc de réalité que ce mot”

Ribemont Dessaignes.